

I.º ANNO

SETEMBRO DE 1885

N.º 1

O LIVRE EXAME

REVISTA MENSAL

ORGÃO DO CENTRO DE LISBOA

DA

Associação propagadora do livre pensamento

Summario

OS LIVROS SAGRADOS DO CHRISTIANISMO E O LIVRE EXAME, *por Teixeira Bastos.*

A RELIGIÃO E A FAMILIA, *por José de Sousa.*

A RELIGIÃO, CONSIDERAÇÕES GERAES, *por Miguel Bakounine.*

DEUS É UMA ILLUSÃO, *por Severo de Medina.*—TRABALHO E SCIENCIA, *por A. Silva.*

MORALIDADE, *por Eduardo d'Almeida.*

LISBOA

Typographia do Protesto Operario

COOPERATIVA DE PRODUÇÃO

38 Rua Nova do Loureiro 40

1885

O LIVRE EXAME

DE

DE

Associação para publicação do livro periódico

DE

Associação para publicação do livro periódico
de

DE

Associação para publicação do livro periódico

Associação para publicação do livro periódico

Os livros sagrados do Christianismo e o Livre exame

INTRODUÇÃO

Não pretendemos, na serie de artigos que hoje inauguramos sob o titulo com que abrimos estas linhas, proceder a um serio trabalho de critica dos livros religiosos que servem de base ao Christianismo, nem fazer a historia, de certo cheia de interesse e importancia, da demolição effectuada desde seculos e hoje quasi terminada dos dogmas e crenças religiosas. O nosso fim é mais modesto, e, se não erramos, mais util e necessario no momento actual, porque se dirige immediatamente a esclarecer a grande massa popular, por desgraça nossa ainda demasiadamente ignorante para acceitar trabalhos de maior vulto e de mais demorado estudo, e por isso mesmo sempre disposta a desorientar-se com a maior facilidade, assimilando como boas as doutrinas falsas e erroneas de espiritos doentes ou de embusteiros pedantes, que se arvoram em evangelisadores do povo. A tolerancia, essa grande virtude prégada pela philosophia moderna, interpretada sophisticamente e explicada de modo absurdo, serve de capa para todo o genero de traficancia das consciencias venaes e ambições insufficientes. Para aquelles evangelisadores da ultima hora a tolerancia é synonymo de hypocrisia, de transigencia, de submissão, como se não fósse o respeito das convicções alheias a justa compensação do respeito exigido do proximo para as proprias crenças. Na realidade como póde respeitar a religião do seu semelhante o que não respeita o seu modo de ver e de pensar individual? Nunca póde haver verdadeira tolerancia pelas opiniões dos que nos rodeiam, se não começamos por ser intransigentes nas proprias convicções. A maxima intransigencia pessoal corresponde a maxima tolerancia social. A primeira regula os nossos actos perante a propria consciencia, a segunda dá-nos a norma de proceder

em face das convicções alheias. O desconhecimento de qualquer d'estes lados da questão representa, quer o sacrificio deprimente da propria dignidade pela submissão a crenças que são para nós estranhas, ridiculas ou odiosas, quer a imposição vexatoria da nossa personalidade sobre os mais que, pensando de modo diverso, não acceitam a nossa infallibilidade. Um e outro facto são um ataque á liberdade pessoal, á liberdade de consciencia. No emtanto é esta a doutrina propagada recentemente pelos pretendentes ou aspirantes a directores da opinião publica no nosso paiz, e devida—não diremos á perversão moral e intellectual—mas á ignorancia e ao pedantismo de que infelizmente dão mostras. O peor, porém, é que o espirito publico não se acha mais esclarecido e portanto armado para repellir os sophismas e os erros que lhe ministram como verdades. N'este estado de cousas cabe a todos os que se libertaram inteiramente das peias religiosas, não influenciados pela corrente da metaphysica negativa, mas pelos processos seguros de critica historica e scientifica, o dever de esclarecer a opinião publica, pondo ao alcance de todos os espiritos os meios de investigação e as conclusões a que chegou a sciencia.

Os novos evangelisadores condemnam a propaganda anti-religiosa sob o pretexto de que para se ser tolerante é preciso não chocar as crenças do proximo, nem abalar a fé de quem quer que seja. Ora o dever mais sagrado de cada um consiste exactamente na sinceridade, embora pela exposição franca das idéas pessoas se vá de encontro ao pensar do seu semelhante. O respeito das opiniões de cada um não envolve o silencio das proprias opiniões, sob pena de condemnarem a sociedade a um mutismo selvagem e desolador. A propaganda não é senão uma das fórmulas da expansão individual, filha da necessidade humana de communicarmos aos mais os nossos sentimentos e idéas. Entra nos dominios da sociabilidade. Portanto, longe de ser condemnavel e prejudicial, a propaganda é, pelo contrario, uma das maneiras porque se manifesta a sociabilidade, tornando-se profundamente saudavel e util quando contribue para dar á sociedade maior somma de felicidade pelo alargamento da esphera das liberdades individuaes.

Outro erro, em que facilmente cahem os que, ambicionando o poder, não vêem na opinião publica mais do que uma massa bruta a explorar em beneficio proprio, consiste na pretensão estulta de separar a propaganda politica da anti-religiosa, sem se lembrarem, ou de proposito occultando, que nas idéas religiosas ou philosophicas se encontram as bases das fórmulas politicas e das instituições sociaes. "A revolução politica é solidaria da revolução religiosa,, dil-o uma auctoridade insuspeita, F. Huet, o discipulo e collaborador do celebre metaphysico Bordas, o qual sempre diligenciou conciliar o livre pensamento com a orthodoxia catholica. É certo que F. Huet, abandonando

os pontos de vista abstractos e metaphysicos do mestre, se lançou resolutamente no caminho da verdade pela adopção sincera do methodo historico; mas este admiravel progresso effectuado pelo seu espirito, se póde tirar-lhe um pouco a auctoridade aos olhos dos orthodoxos, deve-a augmentar e muito para os espiritos livres de preconceitos e crenças atrazadas. Além d'isso a intima e indissolúvel ligação entre a evolução politica e a religiosa é desde muito um facto adquirido para a sciencia e superior a qualquer contestação. Melhor do que ninguem, Augusto Comte na sua monumental concepção philosophica estabeleceu esta verdade apoiando-se em factos de valor historico indubitavel. Mas a opinião do grande philosopho não é particular da escola positivista. Todos os pensadores e philosophos a abraçam, porque é uma verdade demonstrada.

No momento actual a questão religiosa é a primeira de todas as questões, é o fundamento e a origem de todas as outras. Huet reconheceu-o quando escreveu na sua obra sobre *La Révolution religieuse au dix-neuvième siècle*, as seguintes palavras sensatamente pensadas: "O mundo atravessa n'este momento a crise religiosa mais radical, mais extensa. A reforma do seculo xvi nada offerece que se lhe assemelhe. Respeitava as bases das antigas crenças e propunha-se antes a restituir do que a enovar. Comtudo, apesar de restricta no seu objecto, abalou os espiritos, as instituições, e refez a carta politica da Europa. Hoje, na ordem religiosa, não é uma simples reforma que se annuncia: é a passagem d'um mundo para outro, é uma revolução. A antiga fé, toda ella, está sendo julgada. Tambem, de todas as partes, esperam-se, receiam-se as mais profundas mudanças.

"A instituição social e a instituição religiosa estabeleceram-se sempre n'uma intima relação. A unidade, lei inviolavel, primeira necessidade do espirito humano, assim o quer. O seculo xix construe laboriosamente, não sem alguns desfallecimentos, a cidade do futuro: não poderia lisongear-se de acabar a obra; cahiria de decepção em decepção, em quanto não resolvesse virilmente o problema posto pela crise suprema das antigas crenças.¹ Ora a solução do problema aproxima-se. Preparemo-nos para ella. Não é com a transigencia, com a submissão, com o desprezo da nossa dignidade de homens livres, que se prepara o dia de amanhã, mas sim com a coragem de cada um dizer o que pensa e de conformar os seus actos ás suas palavras. A coragem intellectual é, porém, a mais difficil das coragens n'um meio como o nosso, em que os interesses, as conveniências, as exigencias de um egoismo suino sacrificam as mais nobres aspirações. Reagir, porém, contra este meio é um dever moral que se impõe a todas as consciencias honestas.

¹ Loc. cit., p. 3-4.

Com esta serie de artigos temos só em vista apresentar aos leitores algumas conclusões scientificas das muitas que deitaram por terra o vasto systema monotheista que teve o seu apogeu na idade média, isto é, procuraremos mostrar a largos traços como foram minados pouco a pouco os alicerces das crenças religiosas, sobre tudo do catholicismo. É um simples trabalho de vulgarisação.

(Continúa.)

TEIXEIRA BASTOS.

A religião e a familia

I

No periodo de verdadeira transição que vamos atravessando, n'este periodo em que uma metaphysica revolucionaria activa sobre o geral dos espiritos, é da maxima conveniencia implantar a unidade de crença tanto sobre materia politica como sobre materia religiosa.

E é n'este momento que infelizmente muitas pessoas que se dizem livres pensadores, transigem com as idéas religiosas, mas transigem d'um modo muito differente da tolerancia; podemos transigir com as outras pessoas, o que nunca devemos é transigir comnosco mesmo.

Toda essa transigencia com os preconceitos de familia, e da sociedade, é a nosso ver uma prova flagrante de fraqueza de espirito, ou então de falta de firmeza nas crenças que se diz ter.

O homem convicto de uma idéa qualquer sacrifica-se por ella.

Dizem que nós os livres pensadores temos o preconceito anti-religioso de que falla Spencer.

Em que se fundam para dizer isso? Queremos nós por ventura mal a quem tiver idéas religiosas? Evidentemente que não; somos os primeiros a comprehender como essas idéas foram recebidas e estão arriçadas; temos a convicção de que essas pessoas estão em erro, e tentamos fazer comprehender a razão do nosso modo de pensar, e emancipar esses espiritos das peias em que estão envolvidos. Eis tudo.

Mas o estar convicto do erro dos religiosos e defendel-os, ou antes defender o erro, é incomprehensivel!

Dissemos que se notava a falta de unidade de crença e com effeito assim é; uma das instituições que mais soffre com essa divergencia é a da — *familia*.

A familia que não é mais do que uma molecula do organismo

social deve ter dentro em si todos os elementos de vida, e a diversidade de crenças é uma causa morbida.

Essa falta de unidade claramente se vê na reluctancia de muitas familias ignorantes em consentirem que seus filhos ou filhas casem civilmente. Precisamos pois de uma crença unica; mas qual?

A sciencia aponta-nos claramente a estrada do futuro; a religião apresenta tambem um caminho que o espirito positivo recusa; indubitavelmente que a primeira será a trilhada; o progresso é uma lei da sociedade; ou então julgam os senhores pseudo-livres pensadores que devemos seguir a estrada apontada pela religião?

Ou o dogma ou a sciencia, qual escolhem?

Nós somos pela estrada da sciencia; e julgamos que temos obrigação de sacrificar a nossa propria felicidade ás nossas idéas. O homem que casa religiosamente será tudo menos um livre pensador; e n'esse caso fará melhor estando calado do que tentar fazer-nos acreditar na emancipação do seu espirito. Vejâmos mais detidamente esta questão do casamento religioso e do civil; ou antes analysemos este verdadeiro conflicto entre a sciencia e a religião.

(Continúa.)

JOSÉ DE SOUSA.

A religião

Considerações geraes

Os idealistas de todas as escolas — aristocratas, burguezes, theologos, metaphysicos, politicôs, moralistas, religiosos, philosophos e poetas, sem esquecer os economistas liberaes, fervorosos adoradores do ideal, sentem-se profundamente offendidos quando se lhes affirma que o homem, com a sua magnifica intelligencia, com as suas sublimes idéas e infinitas aspirações é, como tudo quanto existe no mundo, um producto da *vil materia*.

Notemos, porém, que a materia de que fallam os materialistas, materia espontanea, eternamente movel, activa, productiva, materia chimica ou organicamente conhecida e manifestada pelas propriedades ou pelas forças mechanicas, physicas, animaes e intelligentes, que lhes são fatalmente inherentes, que esta materia nada tem de commum com a *vil materia* dos idealistas. A d'elles, producto d'uma falsa abstracção, é effectivamente uma cousa estúpida, inanimada, immobil, incapaz de ser origem do menor producto, um *caput mortum*, uma *vil* concepção, opposta a essa *bella* phantasia a que chamam Deus. Frente a frente d'esse Ente-supremo, a materia, a materia como elles a concebem, a quem despojaram de tudo quanto constitue realmente a natureza, fica com effeito o supremo nada. Abstrairam-lhe a intelligencia, a vida, todas as qualidades determinantes, os productos activos, isto é, a força, o movimento, sem o qual a materia seria, mesmo, inapreciavel; e só lhe concederam a impenetrabilidade e a immobilidade absoluta no espaço, para attribuirem todas as forças, propriedades e manifestações naturaes, ao sêr imaginario, creado pela phantasia abstracta. Depois denominaram o producto imaginario, — esse phantasma, esse deus que é o nada — *Ente-supremo* e, por uma sequencia logica, proclamaram

que o Sér-real, a materia, o mundo, é o nada. Depois d'isto, vêem-nos dizer gravemente que a materia que concebem é incapaz de produzir alguma cousa, de por si proprias e pôr em movimento e que, por consequencia, ella deve ter sido creada por um Deus.

Quem terá razão, os idealistas ou os materialistas? Collocada bem a questão, toda a dúvida se torna impossivel. Os idealistas são vencidos pelos materialistas. Sim, os factos antecedem as idéas; o ideal, como o disse Proudhon, é uma flor, da qual as condições materiaes constituem a raiz. Sim, a historia intellectual e moral, politica e social da humanidade, é um reflexo da sua historia economica.

Todos os ramos da sciencia moderna, da verdadeira e desinteressada sciencia, se encontram na proclamação d'esta grande verdade, fundamental e decisiva.—O mundo social, o mundo propriamente humano, a humanidade, n'uma palavra, não é outra cousa que o desenvolvimento supremo, a mais alta manifestação da animalidade—ao menos para nós e relativamente ao nosso planeta. Mas como todo o desenvolvimento implica necessariamente uma negação da base, ou do ponto de partida, a humanidade é ao mesmo tempo, e por si propria, a negação reflexa e progressiva da animalidade nos homens. É precisamente esta negação, racional porque é natural, historica e logica; fatal como o são o desenvolvimento e a realisação de todas as leis naturaes no mundo: é ella quem creou e quem constitue o ideal, o mundo das convicções intellectuaes e moraes—as idéas.

Com effeito, os nossos mais remotos ascendentes, os nossos Adam e as nossas Eva, foram, senão gorilhas, ao menos primos muito chegados d'elles, dos omnivoros, das bestas intelligentes e ferozes, dotadas, n'um grau superior aos outros animaes, de duas faculdades preciosas—*a faculdade de pensarem, a necessidade de se revoltarem.*

Estas duas faculdades, combinando a sua acção progressiva na historia, representam a força negativa no desenvolvimento positivo da animalidade dos seres humanos, e criaram, por consequencia, tudo quanto constitue a humanidade nos homens.

A Biblia, livro que desperta subido interesse e que contém paragraphos de grande valor, se o considerarmos como uma das mais antigas manifestações de sagacidade e da phantasia humanas, exprime esta verdade singelamente no seu mytho do peccado original. Jehovah, que de todos os bons deuses adorados pelos homens foi certamente o mais invejoso, o mais vaidoso, o mais feroz, o mais injusto, o mais sanguinario, o mais despota, o mais inimigo da dignidade e da liberdade humanas, Jehovah creou Adam e Eva, não sabemos para que fim caprichoso, talvez para se rodear de novos escravos. Pôz, comtudo, generosamente á sua disposição toda a terra, com os fructos e animaes que n'ella haviam, impondo-lhes apenas uma só excepção a tanta felicidade.

Prohibiu-lhes expressamente de tocarem nos fructos da arvore da sciencia. Queria decerto que o homem, privado da consciencia de si proprio, ficasse uma eterna besta, sempre a quatro pés perante o Deus *vivo* seu creador e seu senhor. Mas eis que intervem Satan, o eterno revoltado, o primeiro livre-pensador e emancipador das sociedades. Satan envergónha o homem pela sua ignorancia e obediencia bestiaes; e emancipa-o, imprimindo-lhe na frente o cunho da liberdade e da humanidade, instigando-o a desobedecer comendo o fructo da sciencia.

Sabe-se o resto. O bom Deus, cuja presciencia, constituindo uma divina faculdade, lhe devia ter advertido quanto se ia passar, apossou-se d'um terrivel e ridiculo furor—amaldiçoou Satan, o mundo e o homem que por si proprio havia creado, condemnando-se, por assim dizer, na sua propria obra, como fazem as creanças quando se encolerizam; e não contente de condemnar os primeiros homens, amaldiçoou tambem as gerações futuras, innocentes do crime commettido pelos seus maiores. Os theologos catholicos e protestantes acham tudo isto de grande pezo e justiça, justamente porque é monstruosamente iniquo e absurdo. Depois, lembrando-se que não era apenas um Deus de vingança e de colera, mas tambem um Deus de amor, elle que havia atormentado a existencia de muitos milhões de pobres sêres humanos e que os tinha condemnado ao inferno por toda a eternidade, teve piedade dos restantes e, para os salvar, para reconciliar o seu amor eterno e divino com a sua eterna e divina colera, sempre ávida de victimas e de sangue, enviou ao mundo, como victima expiatoria o seu unico filho, para que os homens o matassem! Eis ao que se chama o mysterio da Redempção, base de todas as religiões christãs. Mas, ao menos, o divino salvador salvou, com effeito, a humanidade? Não—o paraiso promettido por Christo, como todos sabem por ter sido solememente dito, é destinado a pequeno numero de escolhidos. O resto, a grande maioria das gerações presentes e futuras arderão eternamente no inferno. E entretanto, para nos consolar, Deus, sempre justo e sempre bom, sujeita a terra ao governo dos Napoleões, dos Guilhermes, dos Fernandos d'Austria e dos Alexandres de todas as Russias!

Taes são os contos absurdos que se divulgam, e as doutrinas monstruosas que se ensinam em pleno seculo XIX em todas as escolas populares da Europa, por expressa ordem dos governos! Não é pois evidente que todos elles são envenenadores systematicos e, por interesse proprio, bestealisadores das massas populares?

Eis os meios ignobeis, e criminosos, que os governos empregam para conservar as nações n'uma constante dependencia. Que são os crimes dos Tropmanns do mundo em presença d'este crime de lesa-humanidade que se commette dia a dia, em pleno sol, em todo o mundo

civilisado, por aquelles que ousam appellar-se paes e tutores do genero humano.

Voltemos ao mytho do peccado original. Deus dá razão a Satan, reconhecendo que o diabo não tinha enganado a Adão e Eva, promettendo-lhe a sciencia e a liberdade como recompensa do acto de desobediencia que lhes havia induzido a commetter. Deus exclamou por sua propria bocca (veja-se a Biblia): “Vêde, o homem tornou-se como um Deus pois que sabe o bem e o mal; é necessario, pois, que o impečamos de comer o fructo da vida eterna para que elle não seja, como nós, immortal,,.

Ponhamos, porém, de parte o lado fabuloso d'este mytho e consideremos apenas a sua substancia. O homem emancipou-se, saporou-se da animalidade e tornou-se homem. Começou então a sua historia, o seu desenvolvimento especialmente humano por um acto de desobediencia e de sciencia, isto é — pela *revolta* e pela *razão*.

O systema dos idealistas apresenta-nos exactamente o contrario. É a transformação absoluta de todas estas experiencias humanas e do bom curso universal e commum, que é a condição essencial de todo o emprehendimento humano, que partindo d'esta verdade tão simples e tão velha — 2 mais 2 são quatro, até ás considerações scientificas as mais sublimes, as mais complicadas, não admittindo nada que não seja severamente confirmado pela experiencia e pela observação das causas e dos factos, constitue a unica base séria dos conhecimentos humanos.

Concebe-se o desenvolvimento successivo do mundo material tão bem como o da vida organica, animal; e o da intelligencia historicamente progressiva do homem, individual ou socialmente considerado. É um movimento sempre natural do simples ao composto, do baixo ao alto, do inferior ao superior; um movimento conforme a todas as nossas experiencias quotidianas e, por consequencia, conforme tambem á logica natural, ás leis proprias do nosso espirito que, não se formando nunca e não podendo desenvolver-se senão á custa das proprias experiencias, só é, por assim dizer, a reproducção mental, cerebral, synthetica das nossas reflexões.

Bem longe de seguir o caminho natural de baixo acima, de inferior a superior, do relativamente simples ao extremamente complicado; em vez de desenvolver sagazmente, racionalmente, o movimento progressivo e real do mundo chamado organico, vegetal, animal ou propriamente humano; da materia ou do sêr chimico, á materia ou ao sêr vivo, e do sêr vivo ao sêr pensante, os idealistas, obsecados, deslumbrados, impellidos pelo phantasma divino que herdaram da theologia, tomam a estrada absolutamente contraria. Partem de cima para baixo, do superior ao inferior, do complicado para o simples. Come-

çam por Deus, seja como pessoa, seja como substancia ou idéa divina; e o primeiro passo por elles dado é uma terrivel derrocada dos transportes sublimes do ideal da eternidade no lodo do mundo material, da perfeição absoluta na absoluta imperfeição, do pensamento á substancia, e até do sér-supremo ao Nada.

Quando, como e porque o Sér divino, eterno, infinito, absolutamente perfeito, provavelmente desgostoso de si proprio se decidir a este *salto mortal* desesperado? — Eis o que nenhum idealista, theologo, metaphysico nem poeta, tem jámais sabido comprehender, nem explicar aos profanos. Todas as religiões passadas e presentes e todos os systemas de philosophia transcendente se apoiam sobre este unico mysterio. Os santos homens, os legisladores inspirados, os prophetas, os messias, procuraram sempre a vida e só encontraram a tortura e a morte. Como a esphyngue antiga, este problema tem-nos devorado porque nunca o souberam explicar.

(*Continúa.*)

MIGUEL BAKOUNINE.

Deus é uma illusão

I

Para concordarmos que as religiões na infancia dos povos foram uma necessidade, não podemos recusar o principio de que a religião é para a ignorancia o que o atheismo é para a sciencia. Tanto mais a influencia theologica vae desapparecendo, quanto mais a evolução intellectual se vae accentuando. Posto isto, não podemos ver na religião, seja ella qual fôr, senão um anathema ás sciencias com cujo progresso a humanidade se laureia. A religião é uma gargalheira que nos prende ao nome de Deus, e este um tremedal no qual não é possível conservarmo-nos sem voltar a face á luz.

Os theologos e philosophos têm durante muito tempo alastrado o mytho do immaterial por interesse, ou por commiseração. Logico proceder n'uns, condemnavel n'outros. Sem Deus não podia existir culto, sem culto não existiam apóstolos. O effeito é a consequencia da causa. Mas como nós, actualmente, nos encontramos na extremidade opposta á causa, temo-nos, impulsionados pela sciencia, que é a verdade, rebelado contra a mentira, procurado desnudar esses vãos preconceitos que nos ferem nos mais santos direitos e nos desviam do mais conciso, e justo ideal. Não basta, porém, essa rebellião. Precisamos proceder com methodo, porque o maior inimigo que temos a combater, theologicamente, não são os cultos, nem os padres, mas propriamente Deus.

A idéa de Deus predominou no espirito humano como crença necessaria, consuetudinaria com a fraqueza moral, e tomou incremento porque uma mentira lisongeira consola mais que uma verdade secca embora positiva.

Hoje, porém, torna-se urgente que se reconheçam as vantagens do realismo sobre a illusão.

É espinhosa, intrincada e difficil a missão a que nos propomos; é cruzada para largos annos; mas como é benemerito o proceder de todo aquelle que pugna pela verdade e pela razão, não vacillamos perante os obstaculos numerosos, que esses irão cahindo, um por um, deante do arroteamento seguro feito pela sciencia.

A historia, estudando o passado, esbarra sempre com as verdades e os mythos que primitivamente a ignorancia mesclou de tal sorte, que só morosamente tem conseguido destrinçar.

Devemos isso principalmente a não ter a criação de Guttemberg raiado n'essa obscuridade archaica. A difficuldade de se transmittir a historia das velhas gerações, a não ser pela tradição, faz-nos parar desconfortados em muitas investigações. A inopia de educação, de intelligencia, de arte, de sciencia dos povos primitivos deixam-nos á tóa n'um mar de cogitações. Só muitos seculos depois d'uma vida brutal e nomada é que as tribus se começaram a estabelecer regularmente e datam d'ahi os monumentos, as pinturas, a escripta hieroglyfica, e portanto a transmissão dos factos, dos costumes, das crenças o que implica d'uma maneira importante com a religião e com Deus.

O livro entre nós mais conhecido, que essa antiguidade nos legou, é a biblia, escripta ingenuamente e em conformidade com o obtuso intellecto de éras remotas, cheio de erros, contrasensos, e absurdos inadmissiveis. Não ha livro nenhum que tenha sido mais controvertido; como consequencia, os sophismas artificiosos eivam-no de tal sorte que, na sua leitura, devemos avançar com precauções.

Accresce que o original se perdeu, tendo de nos cingirmos ás traducções o que já é razão bastante para despertar a dúvida. A par de verdades scientificas ainda que definidas toscamente, as falsidades, as contradicções e a caterva incalculavel de erros que são a negação do que positivamente se tem provado em todas as descobertas scientificas, desde os antigos até aos sabios e philosophos modernos, são vastas.

Portanto, cae pelo fundamento o motivo da nossa fé sobre o livro anonymo, porque, se a ella se impunha a auctoridade do nome de Deus omnisciente, omnipotente, uno e creador do universo, á vista da sua incapacidade, provada hoje á face da sciencia, deve apear-se esse Deus mentiroso, vingativo, mau, cruel, ignorante, para dar o posto que intrusamente ha longos annos disputa á lucifera verdade.

Além d'isso nunca se pôde definir Deus, nem imaginal-o, senão como um sér mysterioso, e o que é mysterioso é obscuro.

Ora, que nós deixemos a nossa consciencia que é a luz e a balança das nossas acções, subjugada por uma entidade obscura, parece ser a mais criminosa obseção da liberdade do homem moral.

Se a educação defficientissima dos antigos tempos tornou necessario um Deus e as suas leis, que têm sido a religião, essa necessidade

deve, logicamente desaparecer na razão directa da marcha da educação mental. Crer que um Deus é preciso, é crer que os nossos conhecimentos não adiantaram um passo do estado selvagem. Quando nada se sabia de astronomia, de physica, de geologia; quando apenas se viam os effeitos e que se desconheciam as causas; quando os phenomenos eram maravilhas que se acceitavam como caprichos do Todo Poderoso por birra, ou por creancice se lembrava de nos surprehender. Deus era uma palavra que tudo isto traduzia sem nada explicar.

Vastas intelligencias, que são marcos milliarios nos seculos e nas gerações, despresaram o nome de Deus e a sua vontade, para encontrarem as leis naturaes a que tudo obedece. Com o progredir da sciencia o Deus vae-se desprestigiando e é com orgulho que devemos escutar a verdade com que os ronceiros pretendem ferir-nos de que—o seculo das luzes é o seculo do atheismo. Deus tem sido simplesmente uma illusão, um erro; provado, pois, o erro, deve apagar-se o nome.

Lisboa, setembro de 1885.

SEVERO DE MEDINA.

Trabalho e sciencia

N'este planeta que habitamos, as condições da vida são barbaras. A terra não produz expontaneamente. Torna-se necessario que um trabalho constante, se lhe arranque das entranhas o que é indispensavel ao nosso alimento e bem estar.

Isto a que os mysticos chamam um castigo de Deus, pelo peccado original commettido no paraiso, logar de delicias, não é mais do que uma consequencia do mundo imperfeito que habitamos; mesmo porque logares privilegiados de delicias e prazeres, nunca existiram, nem existirão, onde, para se satisfazerem as necessidades grosseiras e materiaes do deus Ventre, se immolam tantos animaes inoffensivos, e se derrama tanto sangue innocente. Por isso, n'este singular mundo, a lucta pela existencia, sempre favoravel ao mais forte, impõe o sacrificio da vida aos séres inferiores.

O homem, dos séres terrestres, o mais superior em faculdades intellectuaes, mas não em força physica, lucta constantemente para melhorar as tristes condições de existencia, ora fertilizando a terra por meio de processos chimicos para melhor producção do mundo vegetal, ora applicando a selecção artificial, entre os animaes que emprega ao seu serviço, utilizando em seu proveito a força muscular de que carece. E d'estes séres organicos, como dos inorganicos, elle sabe adquirir, tambem, tudo o mais que diz respeito ao seu bem estar. A felicidade relativa que disfructa, a abundancia que porventura possa ter, onde tudo escasseia, deve-a unicamente ao trabalho. Este, aplanando o caminho que segue a humanidade, marchando para a conquista de novos mundos, onde existem horisontes illuminados de felicidade, torna-se uma lei rigorosamente obrigatoria a todos, porque é de interesse commun. Evital-a, é crime que devemos punir severamente.

Comtudo, temos classes na sociedade que estão fóra d'essa lei, vivendo do trabalho alheio, como verdadeiros parasitas, tornando assim mais pesadas as já pessimas condições da nossa existencia. A sociedade pune algumas d'ellas; mas tolera outras que considera como necessarias.

Não fallamos agora no militarismo e outras classes improductivas, por não terem cabimento n'esta publicação, referimo-nos sómente á detestavel classe sacerdotal.

Explorando a ignorancia dos povos, vivendo da mentira, da trapaça, negros nos seus pensamentos e acções, como a roupeta, que envergam, estes ascorosos vermes, só encontram similhante na ténia, na trichina e outros parasitas, que vivem dentro do nosso organismo, causando a morte lenta de agonia bem terrivel.

O sacerdote, seja qual fór a confissão ou communhão a que pertença, é condemnavel; embora de vida exemplar como o hypocrita protestante, ou de vida escandalosa do romano-jesuita, não menos hypocrita tambem. Todos se servem da religião como meio de exploração; e a idéa de Deus combatida pelo sabio, e explicada desde a sua origem, é por elles defendida tenazmente, como quem sente fugir-lhe a unica esperanza de salvação.

De facto, em quanto os pobres se conservarem entregues a esta enfermidade de espirito que se chama religião, os sacerdotes hão de existir, do mesmo modo que onde ha podridão existem os miasmas prejudiciaes á saude.

Tire-se ao batalhador a arma que tão bem maneja, e será vencido. Tire-se ao angariador de almas para o céo, o Deus-papão, faça-se cair no ridiculo esse personagem pifio, creado pelo homem na sua demencia, á sua imagem e similhaça, com todas as suas paixões e vicios, e veremos deuses e padres, augmentarem a enxurrada das antigualhas de que a humanidade se vae libertando.

De que nos serve a religião? Que lhe devemos?

Se alguns merecimentos adquiriu, tambem teve grandes defeitos. Se levantou a imaginação humana, poetica e artista, a grandes alturas, em voo possante e formidavel, foi sempre, em todos os tempos, o apoio da tyrannia e o melhor agente da ignorancia popular.

Se doutrina a paz e o amor, e arvora o pendão de misericordia, de quantas scenas de destruição tem sido a causa? Bem affastados de nós vão felizmente esses tempos, em que a intolerancia e fanatismo, faziam tantas victimas. Quer nos logares publicos á luz do dia; quer nas mais escuras masmorras, por toda a parte onde o homem pudesse em nome da religião levar a tortura, a agonia, a morte lenta, ao seu similhante, os ais, os gemidos, a grita d'uma populaça selvagem, o cheiro repugnante de sangue derramado, e de carnes queimadas, ele-

vava-se em côro lugubre e perfume nauseabundo, em honra do Deus das vinganças.

Antes de Christo as carnificinas, as grandes mortandades, os sacrificios humanos da idolatria em honra dos deuses; depois de Christo e apesar da sua doutrina de paz, repetem-se as mesmas scenas de crueldade. Foi necessario que a sciencia erguendo o seu facho; pouco a pouco fôsse dissipando essas trevas em que a humanidade jazia, para hoje gosar, relativamente, d'uma liberdade invejavel.

A voz da razão faz-se ouvir sonora, e as luctas que temos com nossos adversarios, os reaccionarios, nós, os livres pensadores, os amigos do progresso, são bem differentes das suas, porque empregamos a força do raciocinio, a boa argumentação.

A causa que defendemos, é a causa sagrada do progresso da humanidade, enriquecida com o martyrio de tantas e tão illustres victimas, como Galileo, Giordano, Bruno, Campanella, e tantos outros. E esta causa a da emancipação do espirito, pelo livre exame, pelo estudo e pela sciencia, é inevitavel porque é resultante da evolução religiosa.

Na sua infancia, o homem, cuja intelligencia igual ou um pouco superior á de certos animaes domesticos, nossos contemporaneos, experimentava em frente de um sêr desconhecido, d'um animal que temia, ou d'um phenomeno da natureza, uma emoção forte de terror. Esta impressão gravava-se-lhe na memoria, photographava-se no cerebro, visitava-o em seus sonhos, e elle incapaz de distinguir o estado de vigilia do de repouso, julgava-se perseguido por aquella imagem, que debalde procurava desfazer. Reconhecendo-se incompetente para a lucta submettia-se; e n'essa submissão forçada, levado pelo mesmo sentimento do cão, quando conhecedor da falta que commetteu se dirige ao seu dono em attitude humilde, tão bem estudada por Darwin; o homem procurava por meio de sacrificios, abrandar a ira do phantasma que tanto o impressiona.

Mas esse sêr desconhecido, animal ou phenomeno que o havia impressionado, tendo desaparecido, e originando-se logo outros mais variados, mais terriveis ainda, a sua imaginação perdia-se n'esta confusão. Um unico meio se lhe affigura capaz de lhe fixar as idéas. Fabricar por suas proprias mãos o sêr, causa de seus receios, tornando-o concreto e tangivel. Então essa multidão de idolos appareceu com as fôrmas as mais extravagantes, proprias da imaginação enferma que as creara. Mais tarde, o homem progressivamente esclarecido, não se reconciliando com a existencia de tantos deuses, simplificou-os, formando ou um grupo de tres como a trindade indiana Brahama, Shiva, Vichun, e a christã Jehovah, Christo, e Espirito Santo, ou então um unico deus ou poder intelligente infuso na materia, como julga ver o pantheista.

N'esta evolução religiosa vemos, que á medida que o homem se

enriquece com a conquista de novos conhecimentos scientificos, os deuses vão desaparecendo, simplificando-se, modificando-se, e por ultimo, n'um estado mais liberto e florecente, mais rico ainda de novos conhecimentos, acaba por destruil-os de todo.

Sciencia! como és bella na tua simplicidade e nudez! A attenção que te é devida tem sido usurpada por esses deuses que vaes derrubando dos altares, ainda que as portas do teu templo, se conservem fechadas a grande numero dos teus admiradores, porque a torpe e egoista sociedade a que pertencemos, composta em parte de exploradores e parasitas, inimigos da luz, desvia para caminhos errados, os passos d'aquelles que te procuram.

Os membros robustos e desenvolvidos, as mãos calejadas, disformes, o rosto sulcado pelo suor, a massa encephalica entorpecida e rachitica á falta de exercicio, nivelados com a besta de carga, sua companheira nas fadigas, trabalhando com ella de sol a sol, privados dos carinhos da familia, e de toda a cultura intellectual, sem o forte escudo invulneravel aos golpes dos seus inimigos, estes infelizes, os trabalhadores; os que produzem, são as victimas predilectas dos sagrados ociosos ao mesmo tempo que são tambem seu unico apoio.

Nada melhor, para elles, do que ter estes escravos, trabalhando activamente, soffrendo todas as inclemencias, ao passo que vão passando vida regalada, mastigando o seu latinorio, ou arranjanado falsas interpretações biblicas.

Mas o tempo vae-se approximando em que, á medida, que se supprime pelas machinas, a fraqueza muscular humana nos trabalhos penosos, e se vae expurgando a sociedade dos que nada produzem, a classe trabalhadora emancipada, livre do jugo de ferro em que os padres e outros exploradores de commum accordo a tem trazido, abandonando com desprezo a frequencia dos templos embrutecedores. Triste seria a condição do homem se necessitasse do temor de Deus para cumprir o seu dever.

3 de setembro de 1885.

A. SILVA.

Moralidade

O prior de uma das freguezias de Lisboa, *padre liberal*, membro do partido progressista, confessor do *grand monde*, um dos principaes directores de uma escola denominada *Caridade*, onde parece que as creanças aprendem a venerar a Jehovah e a Priapo, foi accusado publicamente de ter desflorado uma das suas discipulas, menor de 13 annos, a trôco de 1\$500 réis. O reverendo, até á presente data, não tem provado a sua innocencia quanto ao referido crime.

E o que tem feito a justiça?

Nada absolutamente.

A moralidade geme sob a força que o referido padre tem, em virtude da sua riqueza, das suas relações entre as *cocottes* de sangue azul, e sobre tudo pelo prestigio que goza entre todo o clero.

A prova do que affirmamos está em que a propria imprensa liberal, com rarissimas excepções, até aquella mesma imprensa que pretende crear uma nova religião de *padres liberaes*, apenas se limitou, no principio, a um protesto platonico, tornando-se silenciosa exactamente quando o facto tomou a verdadeira importancia pela publicidade dos seus pormenores mais repugnantes!

Este acontecimento por si só constitue uma demonstração frisante da grande corrupção que satura na actualidade a sociedade portugueza. Governo, juizes, clero, imprensa que adormece sobre caso tão ascoroso, imprensa que se cala opportunamente, tudo isto chafurda no mesmo pantano, concorre para o envenenamento geral e está a pedir ferro em braza.

No actual momento, em que se préga por toda a parte a guerra contra o jesuitismo, seja-nos licito perguntar se o acontecimento de

que nos occupamos não é um motivo bastante forte para se fazer um movimento contra essas escolas de embrutecimento e devassidão, organisadas pelas *fidalgas* e pelos *padres* bons e maus, que enchamêam por todo o paiz á luz do dia e não nas trévas como pretendem inculcar os declamadores maninhos.

Por menos se levantaram os liberaes do Porto, e o brado por elles erguido vae produzindo resultados proficuos para a causa da intolerancia contra o clero.

EDUARDO D'ALMEIDA.

OLYMPIA EXAMINE

REVISED EDITION

REVISED EDITION

REVISED EDITION

O LIVRE EXAME

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Rua das Canastras, n.º 22, 1.º — Lisboa

CONDICÕES DE ASSIGNATURA EM TODO O PAIZ

3 mezes.....	120 réis
6 «	240 «
1 anno	480 «

Pagamento adiantado